

Olhares socioculturais sobre o léxico do município de Araguari / MG

Socio-cultural perspectives on the lexicon of Araguari / MG

Eloy Alves Filho¹, Maria Virgínia Dias de Ávila², Maria da Felicidade Alves Urzedo³

Resumo

Léxico e cultura são indissociáveis. Registrar e divulgar o léxico de uma região é também uma forma de preservar a cultura de um povo. Assim esse artigo teve como objetivo inventariar e descrever o léxico da língua oral da região de Araguari/MG com foco na perspectiva sociológica. Para levantamento das lexias, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com moradores com mais de 60 anos e que somente viveram na região de Araguari. Foram selecionadas 238 lexias da língua falada para compor um glossário. Para compor este texto elencaram-se 44 lexias suficientes para exemplificar a proposta da pesquisa, entre substantivos, adjetivos e indicadores de ação. Foi possível concluir que o vocabulário típico daquela região traz uma riqueza de significados revelando a cultura do povo, já que o que se coletou de lexias está relacionado às principais atividades e formas de se viver, de se produzir, ou seja, com a maneira de nomear a realidade.

Palavras-chave: Léxico. Sociologia e léxico. Araguari/MG. Cultura e sociedade. Léxico e cultura.

Abstract

Lexicon and culture are inseparable. Recording and reporting the lexicon of a region is also a way to preserve the culture of a people. Therefore, this article aims to survey and document the lexicon of the spoken language of the region of the city Araguari, in the state of Minas Gerais, through a sociological perspective. To survey the expressions, residents, who only lived in the region of Araguari and were older than 60, were part of semi-structured interviews. To compose the glossary, 238 expressions of spoken language were selected. For this research, the authors listed 44 expressions used by residents, which were considered enough to exemplify the study's goal. These expressions included nouns, adjectives and action markers. The analysis concluded that the typical vocabulary used in the studied region has a wealth of meanings revealing the culture of the people, as the expressions are related to their main activities and their way of living and producing, exemplifying the way the reality is named.

Keywords: Lexicon. Sociology and lexicon. Araguari / MG. Culture and society. Lexicon and culture.

1. Professor Doutor Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos – IMEPAC Araguari. E-mail: eafilho@ufv.br
2. Professora Mestre Instituto Educacional Maria Ranulfa Ltda.
3. Professora e Coordenadora Pedagógica da FAQUI - Faculdade de Quirinópolis. Mestra em Educação UFU

Introdução

A língua falada guarda um rico campo lexical e carrega consigo um pouco da história e da cultura de uma comunidade. O léxico passa pelas mesmas mudanças pelas quais a cultura passa, já que constitui parte dela, assim resgatar, estudar e registrar o léxico de uma região é relevante, pois é uma maneira de perenizar esses traços culturais que aparecem e desaparecem da cultura de um povo.

Em determinado momento da sociedade, por exemplo, era comum homens e mulheres usarem chapéus e bengalas, porém, atualmente, caiu em desuso. Acompanhando esta dinâmica, o léxico também passa por mudanças, isto é, expressões caem em desuso para acompanhar e adaptar às mudanças exigidas pela sociedade em contínua transformação.

Esta pesquisa se mostra importante, porque, inicialmente, pretende resgatar parte do léxico da região de Araguari, situada no Triângulo Mineiro, a fim de divulgá-lo às atuais gerações e de perenizá-lo para que as gerações futuras possam conhecer as suas raízes linguísticas e culturais. São incipientes as pesquisas que registram o léxico da região de Araguari, dessa forma este trabalho trará uma grande contribuição para a valorização da cultura dessa região, pois traz um importante documento para a memória histórica, para não se perder parte do acervo linguístico regional.

As mudanças nos padrões de vida da comunidade araguarina provocaram a descaracterização dos hábitos, principalmente motivados pelas influências dos meios de comunicação e pelos novos modos de vida da sociedade globalizada.

Diante do exposto, este trabalho tem o objetivo inventariar e descrever o léxico da língua oral da região da cidade de Araguari/MG e analisá-lo com vistas na perspectiva sociológica, tomando como fonte de informações entrevistas realizadas com seis moradores do município de Araguari, residentes nas zonas urbana e rural.

Há um número considerável de trabalhos que versam sobre o léxico regional de várias localidades, contudo sobre a região de Araguari, não foram encontrados registros que resgatem e registram o léxico dessa região. Pesquisa semelhante foi realizada pelos autores sobre a região de Quirinópolis/GO e divulgada em Urzedo (2014).

Em pesquisa realizada em bancos de dados disponíveis on line, foram encontrados dois trabalhos sobre a língua da região de Araguari: um, com foco na fonologia e fonética do falar da região de Carneiro e Magalhães (2008); e o outro um atlas linguístico sobre o falar em Minas Gerais de Martins (2006), contudo trabalhos que contemplam o resgate de léxico da região de Araguari não foram encontrados.

Assim, esta pesquisa não somente traça um perfil da relação língua/sociedade/cultura, como também constitui um importante estudo sobre o léxico regional desse determinado grupo, o que trará também importantes contribuições para os estudos linguísticos, por ser um resgate de um vocabulário falado pelos habitantes da cidade de Araguari e que sofreu transformações intensas com o desenvolvimento da região nas últimas décadas.

Procedimentos metodológicos

Inicialmente, fez-se uma pesquisa bibliográfica a fim de se constituir a fundamentação teórica na qual se baseou o trabalho. Foi realizada também uma pesquisa sobre o município de Araguari com o intuito de traçar o perfil geopolítico e sociocultural da cidade. Posteriormente, foram realizadas visitas aos moradores respondentes a fim de se estabelecer o primeiro contato e o convite para participar das entrevistas, durante as quais se coletou o corpus que representa uma amostra representativa do léxico da comunidade de Araguari, a fim de se organizar um glossário.

O corpus é constituído por unidades lexicais coletadas por meio de entrevistas

semiestruturadas e conversas informais com cinco moradores da cidade, com mais de 60 anos, que nasceram e viveram somente na região. O grupo dos participantes é composto de três homens e duas mulheres, dos quais dois moram na região rural e os demais residem na região urbana, contudo nasceram, cresceram e se mudaram para a cidade depois dos 30 anos. O maior nível de escolaridade dos participantes é o Ensino Médio (uma participante), os demais concluíram apenas o Ensino Fundamental 1, até o 4o ano. As entrevistas foram gravadas em celular a fim de se primar pela espontaneidade da conversa, privilegiando a linguagem oral.

Segundo Augusto (2006, p. 30), “numa pesquisa que uma coleta de dados envolvendo o vocabulário de um grupo, a seleção de informantes é de fundamental importância, pois deles depende a fidelidade da amostragem que constituirá o corpus.” Com base nisso, os seguintes critérios foram adotados para a seleção dos participantes: ter mais de 60 anos, pois, como o objetivo é inventariar o léxico em desuso da região a fim de perenizá-lo como forma de valorizar a cultura local e divulgá-lo às gerações atuais e às próximas, pessoas com mais de 60 anos seriam os participantes ideais para garantir esse resgate; residirem na área de abrangência, ou seja, moradores da região de Araguari e nunca terem morado em outras localidades, para que se chegasse o mais próximo possível das unidades lexicais utilizadas no passado sem interferências de outras regiões; ter disponibilidade para as conversas. A fim de selecionar os participantes para a pesquisa, houve, inicialmente uma entrevista com professores do Instituto Master Presidente Antônio Carlos que residem em Araguari e têm idade superior a 60 anos para uma indicação inicial dos participantes. Foram indicados dez nomes dentre os quais três demonstraram interesse em contribuir para pesquisa. Em conversas, um dos participantes indicou os outros dois que aceitaram o convite. Considerando o conteúdo das respostas,

entendeu-se que o número de cinco participantes seria suficiente para os objetivos da pesquisa.

Os nomes verdadeiros dos participantes foram omitidos para garantir o anonimato e maior espontaneidade dos respondentes. Eles serão chamados de RH169 – o participante residente na região rural com 69 anos; RM165 – a participante da região rural com 65 anos; RH272 – o participante da região urbana com 72 anos; RM269 – a participante residente na região urbana com 69 anos e RH373 – o participante também da região urbana com 73 anos. Para identificação: R – respondente, H – homem; M – mulher; o número para identificar os participantes de 1 a 5 e os dois últimos dígitos identificam a idade de cada morador.

A entrevista semiestruturada, para Triviños (1987), caracteriza-se pela elaboração de questionamentos básicos relacionados ao tema da pesquisa e, durante a entrevista, a partir das respostas dos participantes, outros questionamentos surgem. Há que se ressaltar que deve ter um roteiro básico, para manter o tema em discussão. Conforme ressalta Gil (1999, p. 120), "o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quanto este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada".

No caso desta pesquisa, as perguntas eram relacionadas à vida diária dos entrevistados, aos hábitos alimentares e às festas religiosas. Assim, a partir das respostas obtidas e gravadas, as unidades lexicais foram selecionadas e transcritas para elaboração do glossário. Importante ressaltar que quando foram necessárias mais informações para compreensão das unidades lexicais, foram realizadas perguntas direcionadas sobre elas, a fim de se buscar maiores detalhes para o posterior registro.

As conversas informais ocorreram em dois momentos com cada participante, exceto com os dois que residem na região rural que são casados e as conversas ocorreram concomitantemente com os dois. Com os moradores da região rural, as

entrevistas aconteceram durante os trabalhos diários como na preparação de uma refeição, durante os cuidados com a casa, enfim, em momentos que garantissem um diálogo sem a rigidez de uma entrevista. Em relação aos moradores da região urbana, como algumas atividades já não representavam as desenvolvidas por eles no passado, as conversas ocorreram em lanches durante a tarde à mesa de refeições.

As conversas foram, na maioria das vezes, direcionadas em forma de perguntas informais sobre o passado dos informantes e sobre que palavras eram utilizadas em circunstâncias especiais.

Após as entrevistas, foram coletadas 238 lexias que retratam um recorte da língua da comunidade. Essas lexias foram selecionadas por terem perdido o uso ou por terem sido ressignificadas, a fim de atenderem a uma nova necessidade de nomeação da realidade.

Não foi realizado o cotejamento com os dicionários existentes a fim de descrever os termos coletados. Optou-se pela descrição a partir da fala dos respondentes. Algumas vezes foi solicitado aos respondentes para falar uma frase em que se poderia inserir o léxico coletado. As frases foram gravadas e transcritas a fim de se contextualizar e se entender a que classe gramatical pertence, por exemplo.

Um pouco da história de Araguari

A região onde se desenvolveu este estudo, Araguari, está localizada no norte do Triângulo Mineiro, junto ao Rio Jordão. Segundo o IBGE, Instituto de Geografia e Estatística, Araguari é a terceira maior cidade do Triângulo Mineiro e está situada à 585 km de Belo Horizonte, a capital mineira. O território araguarino abarca também três Distritos: Piracaíba, Amanhece e Florestina. A população está estimada em 109.801 habitantes e com a densidade demográfica de 40,23 hab/km² (MELO, 2013).

O município de Araguari foi criado em 1882, denominado na época de Brejo Alegre em alusão, possivelmente, ao córrego local, pelos bandeirantes que chegaram ao local onde é a cidade hoje. Posteriormente, em 1888, foi denominada Araguari. Imagina-se que tenha sido em função de uma grande quantidade de periquitos barulhentos que havia em grande número na região, de nome indígena "araguaris".

Houve uma grande expansão da cidade em razão da instalação das estações ferroviárias da companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Estrada de Ferro Goías, instaladas em 1896 e 1906, respectivamente. (MELO, 2013) A cidade cresceu impulsionada pela necessidade de atender às demandas de todas as ordens oriundas da instalação das estações ferroviárias.

Em 1909, surgiu a primeira escola pública para atender à demanda da população que cresceu. Ao lado da escola pública, instituições educacionais privadas de cunho religioso expandiram-se também, na cidade (MELO, 2013).

Atualmente, Araguari conta com um sistema de educação com várias escolas particulares, estaduais e municipais e com algumas universidades, dentre as quais se destaca a universidade onde são oferecidos vários cursos como Medicina, Direito, Engenharia de Produção, Pedagogia, Administração dentre outros. A ampliação da universidade impulsionou o desenvolvimento da cidade na última década.

Considerações teóricas

Cultura, língua e sociedade

Cultura, para Kroeber e Kluckhohn (1963), é o conjunto dos comportamentos, saberes e saber fazer característicos de um grupo humano ou de uma dada sociedade, sendo essas atividades adquiridas por meio do processo de aprendizagem e transmitidas ao conjunto de seus membros.

Desta forma, o núcleo essencial da cultura consiste nas ideias tradicionais e especialmente dos valores que se lhes atribuem; os sistemas culturais podem, por um lado, serem considerados como os produtos da ação humana; por outro, como elementos condicionadores para outras ações atuais e futuras.

Cabe ressaltar que até mesmo sob o ponto de vista legal a cultura é definida como na Constituição brasileira de 1988 proclama no caput do art. 216, o conceito de patrimônio cultural como sendo “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” caracterizando, nos incisos subsequentes, as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Pode-se dizer, assim, que a Constituição Federal impõe como necessária uma ampla política de identificação de fazeres e saberes assim como a responsabilidade de sua preservação para garantir aos cidadãos o direito à cultura, bem como a sua perenização.

A língua é parte da cultura de uma sociedade e, na perspectiva saussureana, é uma convenção social:

A língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1974, p.17).

Assim, como o próprio Saussure enfatiza,

língua não se confunde com linguagem, uma vez que é somente parte dela, porque existem outros sistemas semiológicos que compõem a linguagem. Assim estudar a língua, considerada por Saussure mais relevante no estudo da linguagem, é também estudar um grupo social e, conseqüentemente, sua cultura.

Por ser uma convenção social característica de uma comunidade, a língua constitui um tesouro que se caracteriza como um traço cultural de um grupo social. Conforme Carvalho e Pontes (2008, p. 40) “a língua serve de interação entre o indivíduo e a sociedade da qual ele participa. A língua reflete a cultura de um grupo, de uma comunidade, de uma sociedade, de um povo. Entre a língua, a sociedade e a cultura existe uma íntima ligação.”

Câmara Jr. corrobora a ideia de que a língua caracteriza um grupo social, ou seja, é possível identificar a esse grupo social por meio do estudo, por exemplo, de fatores como a pronúncia de determinadas palavras, a própria seleção dos vocábulos, tornando possível também traçar um perfil da cultura desse povo, já que:

A Língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente (...) é o resultado dessa cultura, ou em súmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir (CÂMARA Jr. 1984, p. 40).

Assim, entender um fenômeno linguístico é também entender o grupo social que o produziu, uma vez que “as realizações linguísticas são o reflexo dos processos de interação entre indivíduo e seu meio social, expressando a realidade extalinguística vivenciada pelos falantes” (AUGUSTO, 2006, p. 28-29).

Corroborando a ideia de que por meio do léxico é possível conhecer um grupo social, Ávila, Alves Filho e Urzedo (2014, p. 17) afirmam que “as palavras levam consigo inúmeras possibilidades de identificação da cultura, pois todas as

manifestações culturais são representadas, definidas e descritas por meio das palavras.”

Léxico e sociedade

O léxico de uma língua, segundo Oliveira (2006), mantém uma relação estreita com a história e, assim, com a cultura de uma comunidade. O acervo lexical de uma comunidade linguística, portanto, caracteriza os costumes, o modo de vida, a maneira como se enxerga a realidade e como os membros se organizam no mundo onde vivem e como sistematizam os vários aspectos do conhecimento.

Dessa maneira, o léxico é um dos aspectos da cultura e, por meio dele, pode-se fazer um recorte sincrônico ou diacrônico de uma sociedade. Assim, "as línguas constituem-se como um tesouro cultural abstrato, ou seja, um conjunto de signos lexicais que herdamos de uma série de modelos categoriais que geram novas palavras" (OLIVEIRA, 2006, p.762). Ideia que se confirma nos dizeres de Alves Filho, Ávila e Urzedo (2014, p. 105) ao afirmarem que “estudar a cultura de um povo, também implica estudar a sua formação linguística, uma vez que a língua é o retrato mais fiel do grupo social”.

A geração de novas palavras surge da necessidade nominar novos conceitos, novos objetos, enfim nominar as invenções que surgem em todas as categorias da sociedade. Com isso, surge a necessidade de ampliar o léxico e, em consequência, parte desse léxico vai sendo substituído e esquecido pela sociedade, o que leva a afirmar que o léxico de uma língua é um campo aberto à permanente expansão. Ratificando com Biderman (1987, p. 179) ao afirmar que "qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência cumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura”.

Ainda sobre a amplificação do léxico, Vilela (1994) afirma que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade, Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (Vilela, 1994, p. 6)

O léxico é, então, uma forma de ver o mundo e de nominar a realidade. Ao mesmo tempo em que está na cabeça de cada falante, é também é um saber partilhado pelos indivíduos de uma mesma comunidade. Isso implica dizer que é da competência dos usuários de uma língua a conservação e, ao mesmo tempo, a alteração desse patrimônio de uma comunidade linguística.

No entender de Oliveira (2006),

O homem foi estruturando o mundo que o rodeia reunindo objetos em grupos, identificando semelhanças e, ao mesmo tempo, distinguindo traços diversos que individualizam esses seres e objetos em identidades diferentes, sendo esse o processo de nomeação que deu origem ao léxico das línguas naturais. (OLIVEIRA, 2006, p. 25)

Dessa maneira "o sistema lexical de uma língua é o retrato da experiência cultural acumulada pelos membros de uma sociedade ao longo do tempo" O léxico é, então, o recorte da história dessa comunidade e pode ser considerado como um acervo ou um patrimônio vocabular e pode ser transmitido de geração para geração. (COSTA, 2011. p. 02). Contudo, com a necessidade de nomear a nova realidade ou do contato com novas comunidades, assim como pela facilidade de comunicação via tecnologia, parte desse acervo vai se perdendo com o tempo.

A partir dessa necessidade de nomear a nova realidade, o léxico de uma língua está em constante movimento, o que configura dizer que o léxico é o "único domínio da língua que se constitui como um sistema aberto" (BOTELHO, 2011 p. 19). Pode-se confirmar nas palavras de Mussalim e Bentes (2001):

Portanto, sob o ponto de vista sociológico a língua é o principal mecanismo pelo qual o homem apreende o mundo da natureza e o universo da cultura. A língua apresenta-se como o veículo da cultura que, por sua vez, é a intermediação entre o homem e a natureza. A linguagem é o meio de denominação das coisas materiais e imateriais que compõem a natureza e a cultura de um povo.

Apresentação e análise do corpus

A partir das entrevistas e das conversas informais, foram selecionadas 238 lexias, dentre as quais escolheram-se 44 para ilustrar este texto, porém será organizado um glossário a fim de disponibilizá-lo para estudo e leitura. O corpus foi estabelecido obedecendo às etapas: i) audição das gravações para levantamento das lexias; ii) transcrição das lexias; iii) descrição a partir da audição das entrevistas e conversas informais; iv) transcrição de um trecho da fala do participante para exemplificação. Houve casos recorrentes do emprego de alguns termos e/ou expressões, contudo transcreveu-se apenas um trecho para

exemplificação para evitar repetição.

Com o intuito de registrar o mais fielmente possível a unidade lexical, não foram consideradas as diferenças fonéticas, assim como não se transcreveram foneticamente os trechos dos exemplos, uma vez que não era foco desta pesquisa o material fonético, mas o léxico utilizado. Houve também o cuidado de manter as estruturas das frases, conforme falado pelos participantes, assim não houve correção no que se refere aos aspectos morfossintáticos.

As entradas das unidades lexicais são apresentadas em ordem alfabética, quando possível no masculino singular e as palavras exclusivamente femininas são também apresentadas no singular feminino; seguidas da classe gramatical e gênero, da descrição proposta pelos autores com base nas entrevistas e um trecho que exemplifica a utilização da lexia, seguido dos dados do informante, entre parênteses. Quando necessário, foi solicitado aos participantes que esclarecessem o significado das lexias, a fim de consolidar o conceito e garantir a exatidão da descrição. Contudo, como não houve um cotejamento com dicionários, portanto é possível que haja outros significados para as palavras descritas.

A seguir um quadro em que se distribuem os itens lexicais obtidos e dividido em: substantivos, adjetivos e indicadores de ação e alguns exemplos que compõem este artigo:

Quadro 1: Distribuição dos itens lexicais

Itens lexicais	Substantivos	Adjetivos	Indicadores de ação
238	117	63	58
Exemplos utilizados neste artigo	Balangandã, barrilheiro, bornal, capanga, coivara, corgo, cuxunil, dicuada, imbirã, indês, jacá, matula, mulambo, muncado, penca, rabo de saia, roncolho, ruma sebo, tapera, trapo	Banguela, canguijo, discabriado, discaderado, isgandaiado, marmota, sambanga, sem pé nem cabeça, talavira, veiacó	Balangá, cangá, fazer mal, gorá, infucar, ingambelar, ingrupir, lavar os trem, pisar no calo, sungá, suverter, tarracou, tucicar

Apresentamos, a seguir, uma amostra das lexias que compõem o glossário oriundo da pesquisa e que consideramos significativas para revelar a realidade sociocultural da comunidade de Araguari.

Balangá (verbo balangar) – mesmo que balançar, provocar movimento. “... pra passá roupa era muito difícil, então a gente balangava muito a roupa antes de colocá no varal, porque ela já ficava esticadinha” (RM269)

Balangandã (sm) – Diferentes peças e/ou argolas decorativas penduradas, inclusive no pescoço e braços, que emitiam sons ao movimento da mulher. Eram utilizadas também para afastar mau-olhado ou forças negativas. “As mulher ia nas festa de Santos Reis enfeitadas com debalangandãs e ficava mais bunitas” (RH373).

Banguela (adj.2g) 1. Ausência de dentes, especialmente os incisivos centrais. 2. carro com o câmbio na marcha ponto morto em uma descida para economizar combustível. “Não tinha dentista e o povo não escova dente, então o povo era mais banguela...” (RH169)

Barrilheiro (sm) - estrutura formada por vasilhame qualquer que se enchia de cinzas e se colocava água lentamente para ser filtrada e se obtinha um líquido chamado dicuada. “Nóis usava o barrilheiro para fazer a dicuada que usava para fazer o sabão” (RM165).

Bornal (sm) (variação embornal ou imbornal, capanga) - sacola de pano, geralmente de algodão, tecido no tear para maior resistência, com longa alça. Servia para se carregar de tudo, especialmente alimentos para viagens longas. “Quando nós ia pra roça, levava as comida no bornal, porque não dava tempo de vortá em casa na hora de armoçá.” (RH272)

Cangá (verbo cangar). 1. Juntar os animais por meio de um instrumento de madeira construído pelos homens, chamado canga. Esse procedimento era utilizado para juntar os animais para puxar o carro de boi ou arado nas lavouras. “Não era fácil a lida na roça, quando ia transportá a colheira era de carro de boi, mas antes tinha

que *cangá* os animais e colocar no carro...” (RH169)

Canguicho (ad.m) - Pessoa magra, feia, podendo ser homem ou mulher. 2. Pessoa enrolada, chata, imprestável. “Nossa, certa veiz um conheci uma moça que era um *canguicho*, você sabe o que é um *canguicho*?” (RH169)

Capanga (sm) – 1. Bolsa de mão feita de tecido, bernal. 2. Jagunço, pistoleiro, matador, guarda costas. “Na nossa juventude, valia a lei dos *jagunço*, o patrão mandava matar os disafeto e nós tinha medo dos *jagunço*.” (RM269)

Coivara (sm) - técnica agrícola tradicional que consiste na derrubada de mata para plantio. A limpeza é feita por meio de queimada e a madeira restante após o fogo é chamada de coivara. “A gente mandava os menino buscar as *coivara* para por fogo no fugão.” (RM165)

Corgo (sm) – é uma corruptela da palavra córrego. Significa pequeno curso d’água. “Quando nós era mocinha, nossa diversão era tomá banho no *corgo* dia de domingo.” (RM165)

Cuxunil – Manta confeccionada normalmente com retalhos de tecidos que servia para cobrir o pêlo do cavalo para montaria, para colocar sobre arreio ou para cobrir assentos como sofás. “... os *cuxunil* era muito usado para cobrir o pêlo do cavalo ou o arreio e usava também para enfeitar” (RH169)

Dicuada (sf) – Líquido extraído da filtragem da água nas cinzas compactadas em algum recipiente como lata, utilizada para cortar a gordura na fabricação de sabão caseiro. “As mulher mesmo fazia o sabão de resto de gurdura de porco quer era cuzida com água limpa ia colocando a *dicuada* pra cortá a gordura e virá sabão” (RH373)

Discabriado – frustrado, sem ânimo, sem jeito, desanimado. “Uma coisa que deixava nós *discabriado* era ver a plantação morrendo por falta de chuva.” (RH272)

Discaderado – com dores lombares, contusão nas costas, dores nas cadeiras. Muito cansado. Também diz-se do animal que arrasta as patas traseiras ao caminhar. “Doença? Nós quase não

tinha. O que mais tinha é ficá *discadeirado* por causa do peso das coisa que nós pegava.” (RH169)

Fazer mal (locução) – expressão utilizada para designar o ato de a moça fazer sexo pela primeira vez e antes do casamento, violar a virgindade da moça. O rapaz era considerado o responsável pelo ato acontecer, por isso se diziam que ele fazia mal à moça. “Uma das coisa que os pai mais tinha medo, quando tinha fia moça, era de um homem *fazê mal* a ela, porque depois não casava mesmo.” (RH373)

Gorá (verbo gorar) – 1. Quando se colocavam os ovos para chocar e não se geravam os filhotes, dizia-se que o ovo gorou. “As galinha muitas vez botava e chocava nos pasto mesmo, mais era comum os ovo gorá.” (RM269)

Imbira (sf) - casca de tronco da bananeira que, ao secar, serve como corda ou cordão para amarrar pamonha, sacos, frangos, por exemplo. “Pamanha, a gente fazia todo ano e não era como essas de hoje não, era na folha de bananeira amarrada com *imbira*”. (RM269)

Indês (sm) - ovo que se deixa no ninho, após recolher os outros, para a galinha não abandonar o ninho e continuar a botar no mesmo lugar. “Sempre tinha que deixá o *indês* no ninho, senão a galinha não botava mais lá, então de tarde a gente passa para colher os ovos, mas sempre deixa o *indês*.” (RM269)

Infucar (verbo) – provocar com insultos, irritar. “Os menino era custoso, às vezes infucava o boi até ele correr atrás deles. Era uma forma de distração pra eles.” (RH272)

Ingambelar (verbo) – enrolar com falsas promessas, embromar, passar o outro para trás, dizer falsas promessas. “Pra conseguir uma namoradinha, nós tinha que *engambelar* as moças até conseguir segurar a mão delas, mas iss quando nós era bem novinho.” (RH169)

Ingrupir (verbo) – enganar as pessoas tapear, iludir. “Não era muito comum uns ingrupir os outros, porque o povo tinha brio e valia muito a palavra.” (RH169)

Isgandaiado (adj. m) – era a condição de uma

pessoa desalinhada, desarrumad ou despenteada. “Tinha salão de beleza não. A gente acordava com o cabelo todo isgandaiado e era eu mesma que dava jeito nele.” (RM165)

Jacá (sm) – 1. cesto de vários tamanhos confeccionado de taquara de taboca ou bambu entrelaçadas e servia para carregar milho em palha, transporte de diversos produtos como alimentos ou guardar roupa suja. 2. Também utilizado como medida de volume. Um jacá ou balaio equivale a 60 espigas de milho. “Nós usava muito era o *jacá* preso nas costas por uma corda pra carregá as espigas de milho que a gente is colhendo para fazer as pamonha.” (RM165)

Lavar os trem (expressão com verbo) – a expressão trem é típica em Minas Gerais e se refere a inúmeros objetos. Lavar os trem significa lavar a louça e panelas sujas da cozinha após as refeições. “Tinha bombril não, nós usava era pedra de areia e sabão de bola para *lavar os trem*.” (RM269)

Marmota (ad) - refere-se a uma pessoa muito desajeitada, mal vestida ou a coisas fora de ordem. Pode ser que esta relação se dê por causa do animal roedor chamado marmota, que são meio desajeitados e são facilmente capturados por seus predadores. “Tinha umas menina muito bonita, mais outras (risos) era umas *marmota*, tadinha.” (RH373)

Matula (sf) – merenda ou lanche que se prepara antecipadamente e se leva para comer durante uma viagem. Os componentes são os mais variados. Os mais comuns eram frango com farofa, arroz com ovo ou carne seca e biscoitos caseiros. “Tinha vez que a roça era longe de casa, a gente ficava até três dias sem vim embora, aí nós levava a matula pra não passá fome.” (RH373)

Muncado (sm) – variação mucado. Refere-se a um pouco de qualquer coisa, sem uma quantidade definida como dinheiro, mantimento, cereais. “O cumpadi Zé uma vez emprestô um *muncado* de milho até eu colher o meu, mais depois paguei tudo.” (RH272)

Mulambo (sm) – trajando roupa suja, velha ou

rasgada. “Depois desse três dias na roça, nós vortava pra casa um *mulambo só*” (RH373)

Penca (sf) – 1. Conjunto de bananas que se prendem à mesma haste no cacho. 2. Refere-se também a uma quantidade razoável de objetos ou pessoas. “A gente tinha fruta à vontade, por exemplo, banana tinha era os cacho, nós nem tinha o trabalho de separar as penca.” (RM269)

Pisar no calo (locução) – atingir o ponto fraco de alguém, ofender, magoar. “O Juca era muito vbão, mais num podia *pisar no calo* dele, que virava uma fera.” (RH169)

Rabo de saia (sf) – pelo processo metonímico, referia-se à mulheres. Utilizado para designar a atração masculina pelo sexo oposto. “Eu e meus colega corria mesmo atrás de um belo *rabo de saia*, até que conheci minha falecida. Que Deus a tenha!” (RH373)

Roncolho (sm) - refere-se a pessoa ou animal que possui apenas um testículo aparente. Este fenômeno não significa esterilidade, mas não se usava um animal nestas condições como reprodutor. “Quando tinha um *roncolho*, a gente usava ele na lida da roça.” (RH272)

Ruma (sf) –1.palavra utilizada para referir-se a uma grande quantidade de uma determinada coisa. 2. ir em direção a algum lugar. “Lembro um ano que deu uma *ruma* de melancia no meio do arrozal. Dava gosto de ver a quantidade.” (RH169)

Sambanga (ad) – refere-se a uma pessoa que diz besteiras, abobalhada, desajeitada. “Eu tinha um compadre que nós chamava ele de *sambanga* de tanto que era abobado, mas tinha um bom coração. (RH272)

Sebo (sm) – denominava um tipo de gordura dos bovinos que era utilizada para untar painéis ou aplicar nos pés para hidratação. 2. (ad.m) – para caracterizar algo muito sujo. “Fazia tanto frio que os pés rachava tudo, mais nós passava *sebo* e ajudava a melhorá.” (RM165)

Sem pé nem cabeça (ad) - expressão popular significando algo sem lógica, sem sentido. “Eu ainda tô bão, mas vi muitos dos meus companheiro caducano e falano coisa *sem pé nem*

cabeça.” (RH373)

Sungá (verbo sungar) – suspender, erguer, levantar. “Hoje já não consigo nem *sungá* um saco de arroz, mas já tive muita força na juventude.” (RH169)

Suverter (verbo) - é usado para designar alguém ou algo que sumia sem deixar pistas. Desaparecer inesperadamente. “Era comum os menino *suverter* da escola para ndar no corgo que era bem perto.” (RM165)

Talavira (ad) – sem cuidado, coisa mal feita ou mal arrumada. “As nossas coisa era muito simples, mas nós não era *talavira*. Ficava tudo organizadim.” (RM165)

Tapera (sf) – casa velha ou palhoça vazia, sem morador, abandonada. “Perto da roça onde nós plantava arroz, tinha uma tapera e nós dormia ali mesmo no chão duro.” (RH169)

Tarracou (verbo tarracar) – apertar com muita força, segurar firme, arrochar. “Mulher brigava sim. Uma vez, durante uma briga, a comadre Maria tarracou no cabelo da Marlene que saiu com a mão cheia de cabelo.” (RM269)

Trapó (sm) –1. pano velho, puído ou rasgado ou uma vestimenta estragada que era usada para outros fins como enxugar o corpo após o banho. “Eu vim conhecer toalha depois de véio. A gente usava era os trapó mesmo pra secar o corpo.

Tucicar (verbo) – irritar, atazanar, fazer raiva, provocar ira. “Parece que quanto mais os menino apanhava dos pais, mais custoso era. O compadre Gardino quando era menino era o que mais gostava de *tucicar* os outros, até virar briga.” (RH272)

Veiacó (ad) – 1. Esperto, fujão, que não se deixa pegar com facilidade. 2. Difícil de negociar, espertalhão, só quer levar vantagem. “O Joaquim, era meu vizinh era *veiacó* que só ele, só queria ganhar nos negócio do gado.” (RH169)

Considerações finais

Pode-se afirmar que léxico e cultura são conceitos inseparáveis e que refletem o modo de

viver e pensar do povo de uma região. As palavras e expressões que um povo utiliza podem ser consideradas um retrato cultural desse grupo social, pois uma língua se forma com o tempo e com os fatos históricos. Dessa mesma forma, o acervo lexical de uma língua vai se formando e transformando concomitantemente aos fatos históricos intrínsecos e extrínsecos a ela.

O objetivo maior deste texto foi resgatar o léxico oral da região de Araguari como forma de perenizá-lo para que não se perca na história, como também possa ser conhecido e reconhecido pelas gerações atuais e futuras. Foi também um enriquecedor debate de idéias e resgate do patrimônio histórico, cultural e social da região de Araguari, no Triângulo Mineiro.

Ao se resgatar o léxico da região estudada percebeu-se também uma identidade linguística com o cotidiano das pessoas, com as lidas domésticas, com as atividades econômicas, com a religiosidade, enfim, com a cultura de um povo lutador que desbravou uma região em expansão e deixou um rico legado cultural para a posteridade.

Entende-se que Araguari é uma cidade promissora que está se desenvolvendo, modernizando-se, mas não esquecendo a História, a cultura e as histórias do passado.

A organização e sistematização dos dados recolhidos e analisados permitiram demonstrar uma preciosa parte do perfil da cultura do povo araguarino expressa por meio do léxico, a fim de não permitir que os elementos resgatados juntamente com o vocabulário não se percam em tempos de globalização. Além disso, o resgate desse vocabulário pode oferecer à comunidade da região se enxergar valorizada, quanto preservada a sua cultura local.

Este vocabulário, típico de uma época e de uma região, formado e utilizado por um povo traz em si uma enorme riqueza de significados revelando o espírito desbravador e, ao mesmo tempo, sensível e criativo dos primeiros povoadores do Triângulo Mineiro.

Muito do que se fala está relacionado às principais atividades e formas de se viver e de se produzir, as diferentes maneiras de falar e realizar tarefas cotidianas, como barrilheiro, matula, corgo, indês, tapera, isgandaiado, dentre os vários elencados no vocabulário descrito.

Neste artigo, deixamos transparecer um pouco do léxico, parte da língua, da cultura, da religiosidade, da vida e da alma dos destemidos pioneiros de Araguari e, acima de tudo, esperamos deixar uma pequena contribuição deste legado para as gerações futuras e estudiosos do assunto.

Cabe ressaltar também, e forma alentadora, que a própria Constituição Brasileira, sacramentou em seu texto a importância, a necessidade de se valorizar e preservar a cultura nacional, tanto a material quanto a imaterial, nos dias de hoje e para as gerações futuras.

Referências

AUGUSTO, V. L. D. S. Linguagem criptológica dos “laranjas” no município de Foz do Iguaçu fronteira: Brasil-Paraguai – Argentina. In: MARTINS, E. S.; CANO, W. M.; MORAES FILHO, W. B.(orgs). **Léxico e morfofonologia: perspectivas e analyses**. Uberlândia, EDUFU, 2006. 382 p. p. 130; 28-29.

ALVES FILHO, E.; ÁVILA, M. V. D.; URZESO, M. F. A. Sociedade e cultura: o resgate do léxico popular de Quirinópolis, Goiás. In: URZEDO, M. F. A. (org.) **Quirinópolis - cultura e desenvolvimento regional - Mãos e olhares diferentes III**. Goiânia, Kelps, 2014.

_____. Léxico e Cultura: identidade de uma comunidade. In: URZEDO, M. F. A. (org.) **Quirinópolis - cultura e desenvolvimento regional - Mãos e olhares diferentes III**. Goiânia, Kelps, 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre. v.22, n. 4, p. 81-96, dezembro de 1987.

BOTELHO, R. C. E. S. T. **A terminologia náutica no dicionário da língua brasileira de Luiz Maria da Silva Pinto**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva). Belo Horizonte, julho de 2011. Universidade Federal de Minas Gerais. 189 p.

- Disponível em: [s/Anexos/Bookpage/TESE%20VERSAO%20FINAL%202001.pdf](http://www.popa.com.br/_2014/DIVERSOS/terminologia-nautica.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1984.
- CARVALHO, M. S. F.; PONTES, M. N. A. **Glossário Regional/Popular da Obra São Bernarndo**, de Graciliano Ramos. João Pessoa: Editora do CEFET-PB, 2008. Disponível em: <http://www.ifpb.edu.br/reitoria/pro-reitorias/prpipg/conselho-editorial/livros-publicados/livroGlossario-1.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2015.
- COSTA, C. B. D; COELHO, M. S. V. **Língua e cultura do norte de minas: o léxico rural do Município de Montes Claros/MG**. VX Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/69.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2015.
- GIL, A Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KROEBER, Alfred; KLUCKHOHN, Clyde. **Culture: a critical review of concepts and definitions**. New York: Vintage Books, 1963.
- MAGALHÃES, J. S.; CARNEIRO, D. R. O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana no município de Araguari. **Horizonte científico**. Uberlândia, Vol 2, nº 1, out 2008. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/articledownload/.../3082>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- MARTINS, E. F. Atlas linguístico do Estado de Minas Gerais: o princípio da niformidade da mudança linguística nas características fonéticas do português mineiro. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. [online]. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_7_atlas_linguistico_do_estado_de_minas_gerais.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- MELO, M. R. **A pegada ecológica urbana: o caso da cidade de Araguari/MG**. Tese de Doutorado 2013. 242f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2013. Disponível em: <http://www.ppgeo.ig.ufu.br/sites/ppgeo.ig.ufu.br/file>
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**. 6. ed. vol. 1 São Paulo: Cortez, 2001.
- OLIVEIRA, M. F. **Um olhar léxico-semânticos sobre o vocabulário regional em Agruras da Lata d'Água de Jessier Quirino**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) João Pessoa, Maio de 2006. Universidade Federal da Paraíba. 106. p. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Maria.pdf> Acesso em: 21 abr. 2015.
- VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 6 ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- URZEDO, M. F. A.(org.) **Quirinópolis - cultura e desenvolvimento regional** - Mãos e olhares diferentes III. Goiânia: Kelps, 2014.